

000

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE
17/11. 1937

A Flôr da Felicidade

1º Acto.

A scena apresenta o pateo de uma casa de cidadezinha do interior, vendo-se, a direita, as faces laterais da casa, com uma varanda coberta de telha portuguesa, assentando sobre pilares de tijolos. O mobiliario desta varanda consiste de uma cadeira preguiçosa, uma outra de embalo, de palhinha, um vaso de vinho, uma mesinha de madeira tosca com um vaso de barro forrado de papel de seda de côr viva, com uma avenca ou samambaia, uma galopendurada com um canario, uma outra com um papagaio e um lampeao de kerozena pendurado na entrada da varanda. Esta deverá ficar num plano mais elevado do do palco, bastando, entretanto dois ou tres degraus. Um muro baixo, que o portão ao centro, divide, horizontalmente, o palco em dois planos. Dentro do muro, isto é, no primeiro plano, ha, ainda, do lado esquerdo, um poço e uma arvore em recorte, a cuja sombra puzeram um banco de madeira tosca. Acompanha um muro um canteiro estreito com palmeirase avencas e uma trepadeira que sobe pelo portão e tambem cobre uma parte da varanda. Por detraz do muro avista-se, do outro lado da rua um sobrado antigo, estilo colonial portuguez, com as suas janelas de levantar, em numero de cinco, todas elas praticaveis. Deverá tambem avistar-se a parte superior da porta de entrada do sobrado e das janelas do andar terreo. Entre as janelas do andar terreo e do primeiro andar haverá um grande logreiro com os seguintes dizeres: "O PARAISO" - Pensao Familiar - É a pensao da D. Julia, a unica casa da cidadezinha, no genero. Pelos lados do sobrado como tambem por cima do telhado deverá avistar-se um céu muito azul. Ao rasgar-se o velario a scena esta quasi completamente escura e a orchestra começa a executar uma sinfonia descritiva da madrugada, com cantos de passaros, mugidos de vacas, cantar de galos e cachorros acucando ao longe. Ao tempo que a sinfonia termina a scena já estará bem mais clara para dar a impressao de que o sol romperá em breve. (Pausa) Ruido de passos que se aproximam e logo a seguir, entre o muro e o sobrado do fundo, avista-se um homem com um enorme balalo á cabeça. Ele para deante do portão e faz soar repetidas vezes o sino de folha que ha sobre o mesmo. Do avarandado da direita surge uma mulatinha de sala de chita, blusa branca e chinelos sem meias, esfregando os olhos, cheia de sono ainda.

- Pureza - Quem é?
- Vicente - É o padeiro.
- Pureza - Já vae. (Entra em casa voltando em seguida com uma bandeja na mão e uma enorme chave, começando, muito vagarosamente a abriro portão).
- Vicente - Menina, ande; olhe que o tempo passa e eu tenho muito que fazer.
- Pureza - (Parando o que estava fazendo) Tá cum muita pressa, é, intaliano? Pois óia, eu não tou.
- Vicente - Isto eu sei muito bem. Voce não tem pressa de cousa nenhuma, a não ser de arranjar um marido.
- Pureza - Não seja besta, seu Vicente, não seja besta. Si eu tivesse pressa de me casa já tava casada, ouviu? E ha muito tempo!... Voce mesmo sabe. O Manoel verdureiro vive a quere mi levá pra Portugal. Quizesse eu! E voce mesmo intaliano duma figa, já quiz casá cumigo. Deus me livre!... Tô muito bem sortera. Não perdiso de vocels pra coisa nenhuma. Home só serve pra azarga a vida da gente!
- Vicente - Deixa de asneiras, menina, voce não sabe o que está dizendo. Falas assim agora mas quando tiveres o teu marido não has de querer mais saber de ser solteira. Vamos, vamos com isto que tenho muito que fazer.
- Pureza - (botando o pão na bandeja) Póde dá o fora.
(Ele tenta roubar-lhe um beijo mas ela dá-lhe uma bofetada, dispa rando para dentro. Ele permanece um instante esfregando o rosto e depois fala):

- Vicente - Papagaio!... E depois ainda dizem que pancada de amor não dói... (Sae pelo portão e para-se deante do sobrado aos gritos) D. Julia!... Oh! D. Julia!... Olhe o pedreiro!... (Bate palmas) Oh! D. Julia, acorde, D. Julia!... (Abre-se uma das janelas e aparece uma senhora de touca, camisa e olhos cheios de sono. Enquanto boceja vae baixando por uma cordinha uma cesta de vime).
- D. Julia - Pronto, seu Vicente.
Voce hoje veio cedo como o diabo. É melhor deixar o pão logo de vespera.
- Vicente - Eu não sei o que é isto, mas a Senhora sempre tem alguma coisa que reclamar. Um dia é porque venho muito cedo, outro dia porque venho muito tarde. Os outros freguezes não reclamam nada.
- D. Julia - É porque os outros não passam o dia todo no serviço, como eu e não lhes faz falta meia hora mais de sono, de manhã. Olhe lá seu Vicente, cuidado, escolha os paes mais graúdos. Não, este não. Olha só o desaforo dele... escolhendo mesmo os menores!...
- Vicente - Deixe de fita, fregueza, o pão é todo igual.
- D. Julia - Igual, coisa nenhuma, ha uns maiores do que os outros.
- Vicente - Bom, isto é verdade. Mas tamanho não é qualidade e muitas vezes os pequenos são mais gostosos, ficam mais duros, mais torrados...
- D. Julia - É mais, eu prefiro os grandes que rendem mais. E esta gente aqui é danada pra comer pão!...
- Vicente - Está bem, pode puxar que lá vão os maiores que eu encontrei na cesta. (Ela puxa a cesta, examina os paes e depois atira uns nickels para Vicente)
- D. Julia - Lá vae o dinheiro. Dois mil e oitocentos, não é isto?
- Vicente - É sim senhora. (Ele começa a juntar os nickels do chão, contando-os alto) Quatrocentos, seiscentos, com mais um mil reis são mil e seiscentos... dois mil reis... dois mil e quatrocentos... dois mil e quatrocentos... dois mil e quatrocentos...
- D. Julia - Procure que falta uma moeda de quatrocentos reis.
- Vicente - Que falta sei eu, o buraco é que não encontro.
- D. Julia - Mas procure bem que ela está por ahí, eu atirei dois mil e oitocentos.
- Vicente - É, mas eu não encontro.
- D. Julia - (Procurando de cima) Está por ahí. Eu atirei. Olhe, veja ali perto daquela pedra tem uma coisa brilhando. Não. Mais pra lá. Não, seu Vicente, pra lá... Meu Deus do céu, que homem tapado! Pra lá, seu Vicente, ao contrario...
- Vicente - A senhora só diz pra lá, pra lá, pra lá e não diz pra onde é. Porca miseria! Como é que a gente vae advinhar?
- D. Julia - Homem de Deus, será possível que eu tenha de descer a escada para mostrar ao senhor que pra lá não é pra cá? O Senhor não vê aquela pedra ali?
- Vicente - Vejo, sim senhora.
- D. Julia - Bote a mão em cima dela.
- Vicente - Já botei, sim senhora.
- D. Julia - Agora mecha a sua mão pra lá.

Vicente - Já mexi, sãz senhora.

D. Julia - Mas mecheu errado, seu Vicente, não é pra lá, é pra cá, Oh' meu Deus! Ahí, pra ahí mesmo. Um pouco mais. Ahí. Não é isto?

Vicente - Ora que bobagem, D. Julia, quando é que vidro foi dinheiro?

D. Julia - Ahí é um pedaço de vidro. Estava brilhando eu daqui de cima pensando que fosse...

Vicente - Mas não é, não senhora. E sabe que mais, D. Julia, eu não posso perder tempo. A senhora me dê o dinheiro que falta e depois venha cá em baixo procurar este que se perdeu, porque os freguezes estão esperando o pão e eu não posso ficar aqui o resto da vida.

D. Julia - Eu ir ahí em baixo procurar o dinheiro? Era só o que faltava! Procure o Senhor. Eu atirei dois mil e oitocentos e não atiro mais nem um vintem.

Vicente - Mas eu não tenho culpa que só tenham cahido dois mil e quatrocentos.

D. Julia - Hein? O que é que você quer dizer com isto?

Vicente - Quero dizer que só achei 2\$400 e não posso perder 400 reis que faltam porque eu não estou para trabalhar de graça.

D. Julia - O Snr. quiz dizer que eu não atirei 2\$800. O Snr. pensa que eu preciso roubar seus 400 reis, é, seu italiano atrevido? Olhe seu gringo dum a figa, fique sabendo que eu não preciso das suas bexigas, ouviu?

Vicente - E nem eu estou aqui para dar bexigas a ninguém. E olhe, D. Julia, gringo não; trate-me com respeito si quer ser respeitada. (abre-se a janela ao lado e surge um rapaz de pijama que se mete no barulho)

Henrique - Que pagunça é esta? Parece mentira que desde as sete horas da manhã que já não se pode mais dormir nesta casa... Isso é uma barbaridade!...

Vicente - A culpa é da Senhora D. Julia que está me destrutando.

D. Julia - Não foi o senhor que disse que eu queria roubar seus 400 reis?

Vicente - Per la madonna, senhora, eu não disse isto.

D. Julia - Disse, disse.

Vicente - A senhora está faltando com a verdade.

Henrique - Mas afinal de contas, o que é que houve?

D. Julia - Eu comprei como de costume, 2\$800 de pão e atirei o dinheiro lá pra baixo. Ele recolheu o dinheiro e diz que faltam quatrocentos reis e quer que eu pague de novo!

Henrique - É justo.

Vicente - Ahí está.

D. Julia - Ora não seja bobo, era só o que faltava!

Vicente - O juiz resolveu a sentença favorável a mim e a Bra. tem que pagar.

D. Julia - Eu não chamei juiz nenhum e não pago segunda vez. Era só o que faltava! Procure os quatrocentos reis que eles estão por ahí.

E sabe que mais, não posso lhe aturar mais tempo, tenho muito que fazer. Bolas!... (Retira-se para dentro).

Luiz - Do que estás rindo com tanta vontade, chê?

Henrique - D. Julia brigando com o padeiro por causa de 400 reis. O homem sabia queimado!

Luiz - Nesta casa é uma cousa horrível,. E dizer que deixamos a Capital para vir descansar aqui... De manha nao se dorme por causa do padeiro. Depois do almoço nao se pode dormir por causa das vizinhas, de noite, quando nao tem baile no seu Juca tem o jogo de sólo no seu Aristides... Eu sei que em menos de um mez já emagreci um kilo e meio. Bonito descanso!...

Henrique - As vizinhas não nos deixam dormir depois do almoço, não é? Pois vamos nos vingar agora. Vamos acorda-las. Pega o pinho. (Luiz entra para aparecer em seguida com um violão, acompanhando Henrique que canta uma serenata para as vizinhas. Quando a canção terminou e o violão ainda continua, surge Pureza, na varanda.

Pureza - Oh! xentes!... Que bagunça é esta já de manhã cedo. Onde é que támos?

Luiz - Não te mete, mulata, não te mete.

Pureza - Não te mete uma óva! A patroa mandou dizer que toda a noite não pode dormir por causa dum bicho de pé arruinado. Agora ela precisa descansar. Baco acabou com esse negócio dum vez. Mais me no barulho.

Henrique - Olha a mulata querendo virá bicho, olha só!

Luiz - Não faz caso, segue o bonde.

Pureza - Não faz caso, é? Pois deixa esta que eu vou conta pra dona Irene daquela carta perfumada que o agente do correio me deu pra entrega pra voce.

Luiz - (assustado) Voce não pode fazer isto, mulata, voce não sabe de quem era a carta.

Pureza - Óia, mulata não, hein? Eu tenho nome. Me chama Pureza das Neves, ouviu? E eu não preciso saber de quem era a carta. Eu vou dizer o que eu vi! "Óia, D. Irene, o agente me chamou e mandou que eu entregasse uma carta cor de rosa e perfumada pro seu Luiz e ele me pagou pra eu não dizer nada pra senhora. É só..."

Luiz - Mas isso é uma cretinice sua. Eu lhe paguel a entrada do circo pra voce não contar nada, voce não pode contar, mulata.

Pureza - (atalhando) Mulata não. Eu tenho nome.

Luiz - Pureza, desculpe, Pureza. Purezinha, voce não pode fazer uma coisa destas comigo, seja catarada.

Pureza - Tá bão, então baco para com esse troço e acabou com esse negócio de me chama de mulata... eu tenho nome.

Luiz - (junto com Henrique) Pureza das Neves.

Henrique - Bonito nome.

Luiz - É como a dona.

Pureza - Bonito nome... (sahindo) bonito nome... O medo é uma grande coisa. (sae)

(Entra Antonieta canta e sae).
(surge de dentro de casa um velho de sessenta anos, mais ou menos, humildemente vestido e começa a botar agua e comida para o canario e para o papagaio. Enquanto faz este serviço vae conversando com as aves)

Lourenço - Vamos, meu canarinho, ainda não ouvi o teu canto hoje. Que tristeza é esta? Si a fome é que te traz calado ahí tens o teu café da manhã. Vamos, canta. (Canto de canario) Muito bem. Era fome mesmo. Vamos agora ver o meu louro. Como vae louro? Também tu não queres falar? que te passa meu louro? Papagaio real, para Portugal. Voltado do louro esta com sede. Vae ao poço e começa a tirar agua. Henrique e Luiz começam a falar em falsete, como se fosse o papagaio. Lourenço não dá pela cousa).

Henrique - (com voz flauteada) Fala meu louro.

Luiz - (idem), Papagaio real, para Portugal. quem passa? É o rei que vai á caça.

Lourenço - (virando-se), Voltado! Estava com fome. Agora já está mais animado. Já está falando.

(Henrique e Luiz riem baixo e continuam a brincadeira)

Luiz - Fala meu louro.

Lourenço - (sem dar pela cousa) Já vae a agua aqui meu louro, já vae. (Vem em direção ao alpendre com o pote d'agua na mão. Luiz e Henrique dao uma gargalhada. O velho compreende que os rapazes divertiram-se a custa dele e olha-os com rancor.

Luiz e Henrique - Bom dia, seu Lourenço.

Lourenço - (Secamente) Bom dia.

Luiz - Como passou?

Lourenço - Bem, obrigado.

Henrique - Está zangado conosco, seu Lourenço? Foi apenas uma brincadeira.

Lourenço - Os moços de hoje não respeitam nada. Divertem-se a proposito de tudo.

Luiz - E não acha mais divertidos do que os do seu tempo?

Lourenço - (Que depois de ter posto a agua para o papagaio foi sentar-se ao banco de madeira que ha debaixo da arvore). Divertidos? Pervertidos, isto sim.

Luiz - Esta é forte, seu Lourenço.

Lourenço - Mas é verdadeira.

Henrique - Porque o Senhor diz isto?

Lourenço - Porque estou cansado de ver o desrespeito com que os rapazes de hoje tratam as moças e... até os velhos como eu.

Henrique - Perdão, seu Lourenço, na nossa brincadeira não houve a intenção de desrespeita-lo. E com referencia as moças é bem possível que elas mesmas sejam as unicas culpadas de as tratarmos com menos respeito do que antegamente.

Lourenço - Neste ponto estamos de acordo. Voce não deixa de ter razão. As mulheres de hoje não são como as do meu tempo. Antigamente não se andava na praia mostrando o corpo todo como hoje se faz,

nem se dansava maxixe com os corpos unidos como se fosse um corpo só. E a mulher ficava dentro de casa cuidando dos seus filhos das meias do marido, do arranjo da casa e das comidinhas boas para quando ele voltasse do serviço. Hoje elas não querem saber de nada disto. São os clubs, as piscinas, os automóveis, tiram o lugar dos homens nos empregos... e até já são eleitoras..

Luiz - É verdade. O direito das mulheres de hoje é quasi igual ao dos homens.

Lourenço - Não ha mais diferença. São iguais.

Henrique - E como iguais as tratamos.

Lourenço - É isto. Aqui por causa, infelizmente, tambem este desejo de igualdade apareceu. As minhas netas não se conformam mais em ser simplesmente mulheres. Querem ser mulheres modernas. Aham bonito fumar, andar com as pernas de fora, beber e dansar maxixes. E agora meteram-se na cabeça de ir para a capital com o irmão. Querem trabalhar. Ah! si me ouvissem!... Si se ouvissem!...

Luiz - Mas Irene e Antonieta são duas pequenas interessantes e vivas e merecem, realmente, viver num meio maior onde possam ter mais liberdade e desenvolver melhor a sua inteligencia.

Lourenço - Ora não diga tolices, menino!... Duas meninas criadas como foram as minhas netas, com todo o mimo, com todo o cuidado podem la de um momento para outro, viver sozinhas numa grande cidade onde só o movimento as deixaria tontas?!... Podiam até ficar debaixo de um automovel, cruze!...

Henrique - Elas se habituarão depressa.

Lourenço - E depois não é só isto. Ha outro perigo muito maior ainda: as tentações das vitrines bonitas, das peles de alto preço, das ultimas sedas chegadas da Europa, das joias finas e finalmente dos pelintres que não trabalham e passam o dia todo a dizer gracinhas para as moças.

Luiz - Ora, seu Lourenço, esses, em geral, são inofensivos. Peores do que os moças que dizem gracinhas são os velhos que fazem gracinhas.

Henrique - Mas o senhor não se preocupe que tudo ha de arranjar da melhor maneira possível.

Lourenço - Quali... Eu ja fiz tudo o que podia para evitar esta desgraça... mas a minha filha parece que foi atacada tambem da mesma loucura de modernismo e concorda com as minhas netas. Até ja marcaram o dia da partida...

Henrique - Ah, sim? E quando é que vão?

Lourenço - Esperam só a festa de São João, depois vão embora.

Luiz - Nesta proxima semana então?

Lourenço - (com tristeza) Infelizmente!

(surge de dentro de casa um rapaz de 18 a 20 anos, com uma espingarda de caça na mão, bernal a tiracolo, cinturo com cartuchos e de botas. É Jorge, o neto de Lourenço).

Jorge - A benção, Vôvô.

Lourenço - Deus te abençoe meu filho.

Jorge - (dirigindo-se a Luiz e Henrique) Olá, pessoal, bom dia.

Luiz e Henrique - Bom dia.

Luiz - Onde é que vais caçar?

Jorge - Na lagoa Funda. Queres ir?

Luiz - Não. Para matar bem-te-vi eu mato em casa.

Jorge - Tem marrecão lá pra xuxu, bobalhão.

Henrique - Então si tu pegares muitos manda uns aqui pra velha Julia.

(Abre-se a janela ao lado da que estão Luiz e Henrique e uma senhora velha, muito pintada, cheia de papalotes, estende uma toalha de banho e desaparece)

Lourenço - Meu filho, voce não leve o Sultão que está com a pata machucada leve só o Bocanegra.

Jorge - Tá certo. Bye - bye. (sae)

Lourenço - E tenha cuidado com esta arma, menino, não facilite. (Pureza entra)

Jorge - (ja do lado de fora do portão) Ora, Vôvô...

(Da janela que se abriu durante esta conversação atiram uma bacia d'agua para a rua. Jorge fica todo molhado e começa a gritar, furioso, enquanto Luiz e Henrique riem perdidamente) Epa! que é isto? Que desaforo é este sua velha gaitera!

D. Laura - (chegando á janela) Isto é comigo, é?

Jorge - É com a senhora mesmo. Veja em que estado a senhora me deixou... Então isto é cousa que se faça?...

D. Laura - Quem mandou voce parar debaixo da minha janela? Eu não tenho culpa.

Jorge - Parei cousa nenhuma, Eu ia passando quando a senhora jogou a agua. E depois a rua não é lugar para despejo de aguas servidas, ouviu?

Lourenço - (que se levantou e foi até o portão) Jorge... menino... ca le a boca, venha para dentro mudar de roupa que voce vai se resfriar.

Jorge - Calar a boca eu não calo, Vôvô. Isto é um desaforo desta velha.

Laura - Veja lá como fala, hein? (sugge á mesma janela em que está D. Laura a sua filha Elvira)

Jorge - Sai dahi, velha idiota, barata descascada.

Laura - (furiosa) Barata descascada!... O desaforo!... Espera ahi que eu te curo. (tenta descer mas a filha agarra-se a ela e ouve-se gritos no interior do quarto).

Lourenço - Jorge, venha para dentro Jorge, (Jorge não atende) (Lourenço chega até a varanda e grita para dentro) Irene! Antonieta! Depressa, venham cá. Pureza, bote este menino pra dentro, depressa.

Pureza - Sim senhor. (vae até Jorge e começa a atica-lo com gestos e palavras no ouvido ao mesmo tempo que finge puxa-lo para dentro) (Irene e Antonieta aparecem em trajas caseiros).

Irene - Que é que ha?

Antonietta - O que foi Vôvô?

Lourenço - Façam entrar o Jorge que está brigando com D. Laura.

Irene - Que é isto Jorge, venha para dentro.

- Pureza - Não gosto de briga de boca, de xingação. Não tem graça. Eu gosto é de bofetão, soco, pontapé, ali no duro...
- Lourenço - (que vai entrando em casa) que é isto rapariga, deixa de dizer tolices. Pegue o balão de doces e vá para a estação. Está quasi na hora do trem.
- Pureza - Já vou sim senhor. (Lourenço entra) Esta gente frouxa!... Não é capaz de fazer uma peleia que preste... (Entra seu Manoel, Verdulero, com um balão em cada braço).
- Manoel - Bom dia menina.
- Pureza - Bom dia seu português.
- Manoel - Já tainho dito á menina e hoje digo outra vez que me chamo Zé Manéle Rodrigues Furrreira Pontes, Registrado no papelé do quertorio em Traz os Montes.
- Pureza - Meu Deus, que enorme besteira registrá nome em cartorios. Onde é que se estreve os nomes de batisado ou casorio? É na igreja, português. Fruqué é que Sao Luiz tem sempre um livroro na mão.
- Pra fazer, bem direitinho, as nossa escrituração. Quando nasce uma pessoa ele assenta no livrinho, Diz logo muito certinho, si ela é peste ou si ela é boa, Si é pronta ou cheia de nota, Si casa ou fica sortera pru resto da vida intera. Pra voce seu idiota, o santo deu sorte ingrata, Marco pra sé verdulero e sé besta por mulata.
- Manoel - Mas deu-me em troca, q dinheiro pra comprar umas terrinhas E estes valalios de bima onde bendo as berdurinhas. Espero agora mulata, na culhaita da vatata Ganhari bastante mitali E depois, si Deus quizer) tuzari um varco qualqueri E boltari a Purtugali.
- Pureza - Tuzara que voce ganhe bastante na prantação, Assim vae-se embora logo e acaba a chateação.
- Manoel - Si quezesses, velezita, ir a mim agarradita, Bere quanta coisa vunita o meu Purtugali incerra, Fica certa, meu amoire, fica certa, minha floire, que farias sentire doire as queichopas lá da terra!
- Pureza - Não vem coas tuas visage, português, di mi lavá Pra depois conta vantagem pros teus patricios de lá; Depois,.. confessa a verdade, tu tá dizendo pra mim Mas sera que a tua terra é mesmo bunita assim?
- Manoel - Priguntas si é vunita? Ela é um encanto E o castigo maior que deu-me o Santo É ter de biber dela suparado. Oube, mulata, bou cantar-te um fado Com todo o seu encanto emocional E si a voz for bulada pulo pranto Nao rupares, mulata, porque eu canto, Com saudades do belho Purtugali!... (Canta o fado)
- Pureza - É... mais cum toda essas cantigas, seu labrego, Fico aqui no Brasil, no meu socego, Nesta terra tao boa pro estrangeiro. Ela é Nossa Senhora do Socorro. Voce ja tem bem cheia essa barriga E os bolso bem cheinho de dinheiro Agora farta so uma rapariga. Mas cumigo é que não, fico no morro, Não me importo cum o fado, eu tenho o samba E um mulato que é bicho no pandero Ele me da pancada, toma o meu dinheiro

Mas é assim que eu gosto. Eta, mulato bambal... DEZ

Manoel - Parei contigo mulata, rupito sim que parei,
Savia que eras ingrata, mas tanto assim não pensei.
A culpa tain o meu peito
Mas que fazere é um dufaito que lhe não posso tirare...
Hei da bida inda acavare nos vragos duma mulata
Como tu, vela e franzina.

Pureza - Portuguez, tu não me amola, portuguez não me amofina.
Vê lá si eu vou ti da bola...
Vae colê tuas batata, vagabundo, viralata,
Fordeco sem gasolina, bigode de ferradura,
Vae vende tuas verdura e ve si eu tô lá na esquina!
(Pureza corre para dentro de casa).

Manoel - (Batendo palmas) Oh! fregueza!... Olha o barduleiro que se bae
envora!
(Entra D. Pituca de saia preta, bata ramalhada em preto e bran-
co e um chalesinho de lá também preto. Vem de chinelos e com
um dos pés amarrados. É uma senhora de quarenta e poucos anos
de cabeça bem grisalha e que caminha com dificuldade devido ao
pé machucado.

Pituca - Pronto, seu Manoel, estou aqui.

Manoel - Como bae a fregueza, esta voasinha?

Pituca - Mais ou menos, seu Manoel, mais ou menos. Este bicho de pé arrui-
nado não me deixou dormir a noite toda.

Manoel - O que é que a Senhora está a votare.

Pituca - Mandei benzer.

Manoel - E melhorou?

Pituca - Muito pouco seu Manoel.

Manoel - Bou ensinar-lhe um remedio. Faça um cusimento de folhas de gamo-
na e depois misture a farinha de mandioca até furem um piraosito.
Faça uma cataplasmasita e aplique-lhe em cima. Olhe, Senho-
ra, si lhe não fizer ver, mal não lhe faz.

Pituca - Vou fazer sim, seu Manoel. Vou fazer hoje mesmo. O que é que
o senhor traz de bom, seu Manoel?

Manoel - Ah! fregueza, temos muita coisa voa! Beja só que lindas veringec-
las. E varatas. Quarentos reis cada uma.

Pituca - Que horror, seu Manoel, o Sr. tem a coragem de dizer que isto é
batato?

Manoel - Pois então nut é? Olhe que são ver graudas.

Pituca - Não. por este preço eu prefiro não comer beringelas.

Manoel - Está, vora, ba lá, faça-lhe duas por trezentos reis. Para a senho-
ra não si queixare.

Pituca - Não, não quero. Eu hoje quero fazer um guisadinho com repolho.
Deixe ver um repolho bonito.

Manoel - Aqui está. Olhe que vlezai! E varato. Quatrocentos reis.

Pituca - Que horror! Como está cara a verdura, Santo Deus!

Manoel - Que é que se bae fazere? A verdura está escassa. A enchente ma-
tou tudo. Está bom, faça-lhe uma diferença. Deixo-lhe por 300
reis.

- Pituca - Está bom (pega o repolho) Deixe ver uns tomates. Quero uma salada.
- Manoel - Quanto quere?
- Pituca - Meia dúzia chega. (Seu Manoel conta seis tomates e bota-os no avental de D. Pituca) Credo que tomates feios!...
- Manoel - A senhora acha feios os tomates ?
- Pituca - São muito miudinhos!
- Manoel - Tome lá mais dois para a Senhora não si queixare. Que mais quere?
- Pituca - Por hoje é só. Ah! espere ahi, dê-me duzentos reis de salsa e duzentos de cebola. (Ele lhe dá a salsa e a cebola). Quanto é tudo?
- Manoel - São quatrocentos reis do repolho...
- Pituca - Quatrocentos não, trezentos, o Snr, deixou por trezentos.
- Manoel - Ah! é verdade, desculpe-me, senhora. Logo são trezentos reis do repolho, quatrocentos reis dos tomates são setecentos reis com duzentos reis da cebola e duzentos da salsa são... sete e dois nobre e dois onze... são mil e cem reis.
- Pituca - (Conta uns nickels e entrega-os a Manoel) Ahi está.
- Manoel - Antão não quere mais nada hoje?
- Pituca - Não por hoje é só.
- Manoel - Muito balm. Antão até manhã, si Deus quizere. E que a senhora milhore do seu pesito.
- Pituca - Muito obrigado, seu Manoel, até manhã. (Pituca entra e Manoel vai bater na porta da pensão em frente. D. Julia assoma à janela)
- D. Julia - Um momentinho que eu já vou descer, seu Manoel, para adeantar serviço vá me pesando dois kilos de batatas.
- Manoel - Pois não minha senhora. (Começa a pesar as batatas. D. Julia deita e os dois estão algum tempo juntos fazendo jogo de scena até seu Manoel vai embora e D. Julia entra novamente).
- Luiz - (chegando á janela) P,rezai... P,rezai... Oh! Purezai...
- Pureza - (aparecendo na varanda) Que é?
- Luiz - Voce vai á estação agora?
- Pureza - Vou, praque?
- Luiz - Vou descer para falar com voce.
- Pureza - Eu já vorto. (Entra. Luiz desce e fica no portão esperando por Pureza com um envelope na mão. Pureza aparece com um balão de doces em baixo do braço. Luiz avança e para no meio da scena).
- Luiz - Eu preciso de um favorsinho de voce, voce faz?
- Pureza - Pagando...
- Luiz - Deixa de ser favor.
- Pureza - D,ixo de sabe, eu quero a nota.

Luiz - Está bom, voce ganha quatrocentos reis.

Pureza - So quatrocentos reis por um serviço destes? Puxa, seu Luiz, que o Sr. é pau duro, credô!...

Luiz - Como é que tu dizes: pra um serviço destes, si tu ainda nem sabes o que é?

Pureza - Não sei mais carculo. O Sr. me perguntou si eu ia na estação. Já sei que o servicinho é pra lá. E a estação é longe pra burro, seu Luiz!...

Luiz - Mas voce não vae pra lá de todo o jeito, mulata?

Pureza - Mulata não, hein? Eu tenho nome.

Luiz - Pureza, desculpe. Olha: eu quero duas cousas...

Pureza - (interrompendo-o) Então é oitocento.

Luiz - Espera ahi, Pureza, deixa eu falar, depois nós tratamos o preço. A primeira coisa é esta: tu vae me buscar uma caneta com tinta para eu botar o endereço nesta carta.

Pureza - Ué!... tinha tinta para carta e não pro envelope?

Luiz - Não é isto. Eu escrevi a carta a lapis, mas tu comprehendes queo envelope eu não posso escrever a lapis, tem que ser a tinta. Bem, a outra coisa é botar a carta na estação.

Pureza - Então é uma capeta com tinta, um favô - quatrocentão. Botá a carta na estação outros quatrocentão.

Luiz - Não, isto não. As duas cousas por quatrocentos reis.

Pureza - Ah! não. Quzentos reis por cada favô é muito barato.

Luiz - Ou te dou quatrocentos ou não te dou nada e eu mesmo vou levar a carta. Escolhe...

Pureza - Tá bom, vá lá. Espere ahi que eu vou buscá a tinta. (Vae sair)

Luiz - Deixa o balaios aqui que eu cuido.

Pureza - O que? O Sr. me levou uma vez mas não me leva segunda. Da outra vez o Sr. me deu quinhento pra engraxá as suas botas e enquanto eu fui buscá a pomada na venda me cuxeu mil e duzentos de doce. Que vantagem!

Luiz - Não fui eu, foi o Henrique.

Pureza - Deixo de sabe, o Sr. foi que ficou tomando conta do balaios. (Sao levando o balaios para voltar em seguida com tinta e caneta) Tá ahi. (Luiz sobrescrita a carta. Pureza permanece perto dele olhando com toda a atengao para o que ele escreve).

Luiz - Está ahi a carta e os quatrocentos reis. Agora vae depressa.

Pureza - (olhando a carta) que nome é esse que tá aqui?

Luiz - Antonio. Antonio Silveira.

Pureza - (depois de pensar um pouco) Antonio é? Antonio com a no fim, é? Nome de home nao tem a no fim. Quem acaba em a sao as mulé. Voce me lava mais custa.

Luiz - Bem, voce ganhou quatrocentos reis para levar a carta, mas não tem nada que saber para quem é. Isto nao entrou no trato.

Pureza - Tá bem. Agora passa depressa outros quatrocentãos ou eu vou

mostrá a carta já já pra D. Irene.

TREZE

Luiz - Você está ficando uma legítima chantagista.

Pureza - Dá ou não dá?

Luiz - Dou, dou. (mete a mão no bolso e tira uma moeda) ^{fazer} Vamos/este negocio mais barato. Eu te dou mais duzentos reis.

Pureza - Ah, não! Ou paga pela tabela da casa ou então já sabe como é a escreta.

Luiz (Zangado) Toma, vigarista, vae te embora. (Pureza sae). (Irene entra quando Luiz já vai sair).

Irene - Já vai embora?

Luiz - Olá, bom dia, como passou?

Irene - Bem obrigada e voce?

Luiz - Como Deus quer...

Irene - Então já ia embora?

Luiz - É verdade. Tinha vindo só falar um momentinho com a Pureza.

Irene - Ah!... era voce que estava discutindo com ela? Eu estava ouvindo do meu quarto uma discussão de preços e pensei que fosse com o leiteiro ou com o padreiro.

Luiz - Não, era comigo mesmo. (embaraçado) Você ouviu a discussão, Irene?

Irene - Alguma coisa. Vi que era uma discussão sobre preços mais não prestei maior atenção.

Luiz - (Respirando melhor) Não viu que a Pureza é uma rapariga muito prestativa e não gosta que se pegue os favores que nos faz. Foi um caro custo para convence-la de aceitar um nickel.

Irene - Então é só com voce porque conhece é uma barbaridade! Só se consegue alguma coisa dela pagando e quando pode nos leva no embrulho.

Luiz - (com calor) É isto mesmo. (Transição, caindo em si)

Irene - Mas como? Você não acabou de dizer exactamente o contrario?

Luiz - (Procurando uma saída) Sim... quer dizer... eu disse que então é só para mim que ela quer fazer as coisas de graça.

Irene - Ah! sim. (entra Antonieta)

Antonieta - Bom dia, Luiz, como vae?

Luiz - Bem obrigado, e voce, Antonieta?

Antonieta - Muito bem. (dirigindo-se a Irene) Não esqueças que temos que experimentar os nossos vestidos as onze horas.

Irene - Nem me lembrava mais, acreditas?

Luiz - Pelo que vejo estão em grandes preparativos para a festa de São João?

Antonieta - Não, Luiz, não se trata de festa nenhuma. Trata-se do inicio de uma nova vida para todos nós. Jorge vae para a escola de aviação no Rio e nós iremos com ele para lá. Pretendemos trabalhar, mudar de vida.

Até que enfim vou conseguir realizar o meu grande sonho de felicidade!

Luiz - Pensam então embarcar breve?

Irene - Esperamos apenas a festa de São João. Será a nossa despedida. Embarcaremos no dia seguinte pela manhã. (ouve-se um apito de trem ao longe) (Entra o velho Lourenço com Jorge)

Lourenço - Voce passe no funileiro e peça-lhe que chegue até cá para soldar aquela banheira que está vasando a agua toda.

Luiz - Olá, grande caçador. Quantos bem-te-vis matou?

Jorge - Não fui caçar. Aquela velha desgraçada molhou os meus cartuchos todos. (o velho vem chegando até o banco que está á sombra da arvore e senta-se)

Irene - Onde é que voce vae, Jorge?

Jorge - Vou ao funileiro dar um recado do Vôvô e depois vou no armazem comprar papel para os baloes.

Antonieta - Quantos voce vae fazer?

Jorge - Prometi fazer dois mas si tiver tempo farei mais. Eu gosto de ver os baloes subirem ! pelo espaço!...

Lourenço - Antigamente eram só os passaros e os balões que subiam pelo espaço...

Luiz - E tem conseguido subir. Não se pode negar os progressos da aviação.

Lourenço - Tem conseguido, sim, mas a custa de quantos sacrificios!... Quantas vidas tem custado aos homens o desejo de serem tao poderosos como Deus!...

Luiz - Mas nada se consegue na vida sem algum sacrificio.

Lourenço - Deus lhes tem feito muitas vontades, como nós aos nossos filhos quando lhes compramos um brinquedo que eles muito tenham desejado, mas quando eles estão envaldecidos do seu poder e esquecer-se que toda a sua força lhe vem de um ser muito mais poderoso, Deus, para mostrar-lhes o quanto sao frageis, atrai-os de encontro a furia das vagas ou a violencia dos ventos e dos raios. E ghi esta porque todos os dias deparamos com noticias de inundações, terremotos e ciclones. Nada disso aconteceria si o homem nunca esquecesse que Deus é maior do que ele. Si o meu neto me ouvisse, ficaria aqui na paz tranquilla desta cidadezinha provinciana, perto da "mae e do Vôvo, em vez de se meter dentro de uma caixa de aço para tentar desvendar os ceos.

Antonieta - Ora, Vôvô, o Snr. é passadista e não compreende nem admite o progresso. O que poderia ganhar o Jorge aqui neste buraco? Cincoenta mil reis por mez.

Irene - E não passaria nunca de caixeiro do armazem do seu Aristides.

Jorge - Eu quero voar!... E ganhar bastante dinheiro na sopa!

Antonieta - Olhe Vôvô, o Snr. ainda sentirá orgulho de nós quando voltarmos aqui um dia: eu Directora Geral de uma grande empresa comercial do Paiz.

Jorge - Eu capitão aviador!...

Irene - E eu artista do nosso cinema!...

Lourenço - Loucos!... Loucos!...

(Cantam em terceto, Antonieta, Irene e Jorge. Durante a canção Pureza D. Pituca e todos os hospedes da pensão vão chegando aos poucos para fazerem o coro final desta scena).

C O R T I N A

2º TEMPO do 1º ACTO

(O mesmo scenario do primeiro tempo. Entardecer. Pureza está parada ao portão olhando a rua. Ouvem-se os sinos de uma igreja proxima).

Pureza - (gritando para dentro) Patroa!... Patroa!.. Tá tocando o terceiro signal pro triduo, patroa.

Pituca - (de dentro) Já recolheste as galinhas, Pureza?

Pureza - Já patroa.

Pituca - (idem) Recolhe o papagaio e o canario porque eu estou abrazada, Pureza.

Pureza - Sim senhora patroa. (pega as galolas do papagaio e do canario e vae leva-las para dentro)

Henrique - (chegando á janela) Mulata! (ela olha-o sem responder e entra com as galolas para voltar em seguida). Voce nao ouvia eu lhe chamar?

Pureza - Eu tenho nome, ouviu?

Henrique - Está bem, desculpe.

Pureza - Que é que voce qué?

Henrique - A Antonieta já foi para a igreja?

Pureza - Vae agorinha mesmo, tá traminando de mudá de roupa.

Henrique - Diz para ela que eu estou esperando aqui.

Pureza - Diz voce.

Henrique - Ora, Pureza, o que é que lhe custa, faça este favor. (atira um nickel)

Pureza - Ah! bem! Agora é outra cousa. (Sae) (Henrique sae. Pureza volta Acompanhada de Antonieta) Dona Antonieta, si a senhora encontrar o cabo Alexandre convide ele pra vi a festa, sim?

Antonieta - Está bem, eu convido. Onde é que está o Henrique?

Pureza - Deve di tá ahí fóra. (Henrique aparece no portão) Falando no burro aparecero as oreia.

Antonieta - Que é isto, Pureza?!

Pureza - Uma comparação, D Antonieta.

Henrique - Boa noite, Antonieta.

Antonieta - Boa noite, Henrique, vamos depressa que estamos atrazados.

Henrique - Vamos. (Sae. É quasi noite. Ilumina-se uma das janelas da pensão). (Pureza fica a olha-los um momento no portão entrando em seguida. Vae ao poço e começa a tirar agua quando entra nho Terencio. É um calpira acanhado, humilde e que ri por qualquer motivo. Está em toilette domingueira).

Terencio - Boas noite, minha menina, louvado seja o sinhô.

Pureza - Seu Terencio!... Oh! desacato!...
Chega a parece um retrato
que a patroa tem na sala.
De roupa nova, bengala,
medalhinha, frô no peito
mece assim desse jeito
parece o Rei do Japao.

- Terencio - É que eu tô aperparado pra festa de São João.
Mece também, nha Pureza, tá mais alegre, mais gorda,
Ta que é mesmo uma beleza!
Antão assim com fita mece fica mais bunita!
- Pureza - O sinhô me acha mais gorda, nho Terencio? que tristeza!
Diz que as graxa é fermosura mais eu perfiro a magreza.
- Terencio - Num diga isso, menina, os home tudo aperfere
as mulé que tem gordura. As magra que vão pro inferno!
Nas noite fria de inverno mulé gorda é cubertô.
Trabalha, gosa saude e nao precisa amilde
gasta dinheiro em dotô
- Pureza - Pode se mais memo assim com as vantagem das gordura
Quero ela longe de mim. Magreza nao incomoda
É mulé gorda hoje em dia já fico fora de moda.
- Terencio - Nhá Pureza, Deus me acuda, mece tambem tá atacada
dessa mania de moda que as mulé dero pra tê?
Virge do ceu! Vo traze um galo grande de arruda
pra mode botá ligero traiz da orela de mece.
Essas mulé de hoje em dia, que se diz mulé moderna,
veve sempre a mostra as perna pra mode os home tentá,
usar vistido tao justo que nar poder caminha.
Pintur as unha, os cabelo, pintur os óio que sae lasca,
pintur a boca que parece uma flrida seg casca;
Tirur us emprego dos home e intê já sao inleitora,
fumam charuto, cigarro, nex sei como os home deixo
e vi dez intê que algumas usam cachimbo nos queixo.
As coisa vae de tar modo que a gente pensa que sonha,
Virge do ceo! Santo padrei!... Isso é uma poca vergonha!...
- Pureza - Sabe que mais, seu Terencio, voce é um desagerado...
que grande coisa as pintur! Hai tanto home pintado.
Dispois as mulé de agora, si andum coas pernas de fora,
Si apertur e si pintur bot,
É porque tem a certeza do valô que as perna tem.
- Terencio - As mulé de antigamente erag mulé de verdade,
Tinhur verginha na cara, nao se mostravam pra gente.
Tinhur vistido cumprido,
Só vivium pros seus fio, pra casa e pro seu marido.
As de hoje - Virge Santa! -
Quando o marido alivanta já tão no oio da rua.
Nao tem arma, nao tem pejo, vivem coa boca pintada
na rua pedindo beijo. Meu Pae do Céu, que tristeza!...
Essas mulé de hoje em dia té ofende a natureza.
- Pureza - Escute aqui, seu Terencio, essa conversa fiada
que se ofende a natureza andando assim tao pintada
já nao convence ninguem.
A natureza é mulé e usa pintura tambem.
O sol é a tinta dourada que ela bota nos cabelo
e a poera prateada que ha nos raio de lua
é o pó de arrols que ela usa pra sua pele aclará.
Nas unha ela tambem bota, pra podê fica mais bela,
aquele verniz tao lindo que ha no brio das estrela
e aquela cô arroxegada que na berada da noite
no céo se avista tao bem
é a boca toda pintada, da natureza, coitada,
pedindo beijo tambem.

(Surge D. Clemencia com um vaso e uma planta na mão).

- D. Clemencia - Boa noite, menina. Boa noite seu Terencio. A comadre Pi-
tuca está em casa? Diga-lhe que é só um momentinho, que
nao se demoro, vim trazer um presente que ela vae pareci-
ar muito. Ela é louca pelas plantas. É como eu. Já o meu
finado marido dizia que nunca viu uma locura igual

pelos passaros e pelas plantas como tenho eu. O que berço nos dá só o tumulto nos tira. Desde pequenina que eu tenho esta mesma adoração pelas plantas e pelos passaros.

Pureza - Papagaio!...

D. Clemencia - Onde é que está, onde é que está? Como eu gosto dos papagaios meu Deus, são tão bonitos! E falam tal qual como a gente.

Terencio - (Ri) Falam mais menos D. Clemencia.

D. Clemencia - (Sem dar atenção a Terencio) Repetem direitinho tudo aquilo que nós dizemos. A comadre Pituca tem um muito interessante, não é verdade? Onde é que ele está? Ah! já sei, está recolhido não é? É tarde e os bichinhos não devem ficar expostos ao frio porque são como nós, podem pegar uma pneumonia e morrer. Pobresinhos! não é bom pensar!... E as meninas como vão? Com certeza estão na igreja, não é verdade? As mocinhas gostam muito das festas de igreja porque os namoradinhos estão sempre lá na saída. (Aparece D. Pituca pronta para ir à igreja, com um véo preto pela cabeça, rosário e livro de reza na mão). Oh! minha querida comadre, como vai? Já vejo que vai à igreja, não é assim? Pois eu não lhe atrapalho porque a minha demora é muito pouca. Eu vim aqui só para lhe trazer esta planta. É muito bonita, não é verdade? É um encanto! Foi o primo Juca que me mandou uma muda de presente no ano passado e eu daquela muda tirei outras e logo me lembrei da Senhora.

Pituca - Muito obrigada não precisava se incomodar...

D. Clemencia - (interrompendo) Esta planta tem uma particularidade muito interessante: Da apenas, trez flores. Mas que flores, comadre!... que flores lindíssimas!... Brancas, bem brancas, mesmo. Agora acontece o seguinte: ela não tem época certa para dar estas flores. Tanto faz hoje, como amanhã, como daqui a um ano, é quando lhe dá na veneta. Outra coisa muito interessante é que as flores tanto podem dar a seguir uma da outra como com espaço de dias, mezes e até de anos.

Pituca - Ah! sim...

D. Clemencia - E existe uma crença a respeito desta planta também muito interessante.

Pureza - (a parte) Si a patroa se descuida acaba interessada também.

D. Clemencia - A abertura de cada uma destas flores... (espirra duas vezes)

Pureza - (a parte) Tá hi, eu não sabia que flor também tinha abertura (Terencio ri)

D. Clemencia - Mas, como ia dizendo... a abertura de cada uma destas flores é prenúncio de uma grande felicidade em casa. É por isso que ela é chamada a flor da felicidade. Interessante não é? Meu Deus, eu nunca vi paixão igual pelas plantas e pelos passaros como tenho eu!... Já o meu finado marido dizia isto mesmo. Mas escute comadre, eu não quero estorvá-la, a senhora ia para a igreja, não é verdade? Pois eu já vou indo embora mesmo porque as meninas me pediram que fosse buscá-las porque queriam vir assistir a festa de São João que os rapazes da pensão organizaram. Dizem que vai estar muito boa, não é? As meninas fizeram muitos balões? Com certeza não é? Elas gostam tanto destas coisas!... É natural, é natural que a mocidade se divirta. Devemos aproveitar a mocidade o quanto possível para que ela não passe impunemente.

(espirra duas vezes).

Pureza - (a parte) A patroa ja não vae mais á reza.

D. Clemencia - Eu estou resfriada. O meu finado marido sempre me dizia; aproveita Clemencia, aproveita a tua mocidade porque elae uma só e depois que passa não volta nem olha para traz. Ah! Mas eu sempre aproveitei um pedaço!...

Pituca - Escute D. Clemencia, a senhora...

D. Clemencia - Eu quizera que a minha comadre me conhecesse no meu tempo de meninota. Dizem todos que eu era uma gostosura (espirra duas vezes)

Terencio - Meu Deus do céu, como tá demudada!...
(Ouvem-se os sinos repicando e dois ou trez foguetes)

D. Clemencia - Os sinos meu Deus! Eu estou atrapada!... Ainda tenho que trazer as meninas para a festa. Olhe comadre, elas vem assistir daqui porque eu não quero que elas se juntem com a filha da D. Laura. Todo o mundo diz que é sapéca?... Contar cousas!... A culpada é a mãe que em vez de cuidar da filha vive a se ocupar com a vida dos outros. Nunca vi ninguém falar com a D. Laura, é uma coisa horrosa!... Está bom, comadre, vou andando que a folia não demora começar e eu ainda tenho que buscar as meninas. Ah!... mas é verdade e a senhora que não foi á Igreja?!... Mas tambem parece mentira como o tempo voou. O seu assunto estava tao interessante que eu nem senti o tempo escorrer. Bem, adeusinho, comadre, adeusinho, até já. (sae esbafiruda)

Pituca - (depois de respirar, num desabafo) Pureza, traze-me um pouco d'agua que eu estou tonta. (senta-se nos degraos da varanda e tira o véu para os hombros. (Pureza vae dentro de casa e volta com o copo d'agua. Terencio corre a abanar D. Pituca com um lenço).)

Terencio - Tá piorando? Num tá piorzinha não? Póvresinha, ela tá tão agoniada! (Pureza começa a dar agua para D. Pituca auxiliada por Terencio. Começam os ruidos dos instrumentos que se aproximam e muitas vozes em algazarra longinqua que a pouco e pouco vae se aproximando. Irene e Antonieta entram acompanhadas por Henrique e Luiz. As janelas da pensao se iluminam e começa o movimento em frente a mesca).

Antonieta - Que é isto, Mãe, porque não foi á Igreja?

Pituca - D. Clemencia esteve aqui e não me deixou sair.

Irene - Oh! Do que me escapei eu. Mas porque que a S^{ra}nhora não disse que estava com pressa?

Pituca - Si ela nem me deixou falar!...

Irene - Nunca vi uma cousa assim.

Pituca - Vão trazer-me de presente essa planta que ahí está. Diz que se chama a Flor da Felicidade porque dá trez flores em tempo indeterminado e com o espaço incerto uma da outra.

Antonieta - E que relação pode ter isto com a felicidade para que lhe deem o nome?

Henrique - Não deixa de ter alguma. A felicidade não tem tempo marcado para permanecer connosco nem espaço determinado para sorrir novamente.

Pituca - Mas não é por nada disto. Voces não me deixaram terminar.

Pureza - Pois é. Voces nem deixaram a patroa acabá.

Pituca - É porque dizem que cada vez que se abrem as flores, anuncia um aconte

acontecimento de grande felicidade para a casa. VINTE E UM

Luiz - É o caso, então, de todos nós procurarmos ter em casa esta planta porque assim, ao menos três vezes a felicidade nos sorrira com certeza. (Todos riem.) (A música começa a tocar lá fora enquanto uma voz canta uma canção de São João).

Pituca - Vou buscar o Papae que a festa está começando. (todas as janelas da pensão estão iluminadas e ha gente em todas elas).

Luiz - Acendam a fogueira. (O fogo começa a crepitar do lado de fora do muro e uma gritaria enorme começa a se fazer sentir. D. Pituca e seu Papae saem na varanda e ali permanecem olhando a fogueira do outro lado do muro. Das janelas da pensão soltam fogos, bugapés, bombas etc. A musica segue tocando sempre e mais outra canção se ouve).

Pituca - Está lhe doendo a cabeça, Papae?

Lourenço - Não minha filha, não tenho nada.

Pituca - Está preocupado?

Lourenço - Triste, apenas, minha filha. (Senta-se no banco ela de pé).

D. Pituca - Ora papae, eu sei o que é que o entristece. O Snr. não pode quere-lo, mais do que eu os quero e eu estou conformada, contente até. Tenho confiança nos meus filhos e sei que eles vencerão.

Lourenço - E oxalá ele não te engane, minha filha.

(ouve-se a marcha "ao voltar este balão)

Luiz - (aparece numa das janelas da pensão com um enorme balão cuja extremidade ele fica segurando. Há uma gritaria geral, todos pegam os gomos do balão que começa a se encher. Ao tempo que é cantado o ultimo verso do solo da marcha, a mecha do balão é acendida e ele começa a subir lentamente; quando já o coro estiver cantando, para terminar os ultimos versos.

O Pano começa a cair entre gritos, palmas e bombas e termina o o

Primeiro Acto.

2º A C T O

O palco é dividido em tres partes, ou melhor em tres palcos menores tendo cada um deles em sua parte superior um pequeno nicho fechado por uma cortininha da mesma cor das cortinas de boca dos tres palcos. Ao abrir-se o primeiro palco, que devera ser o da direita, estamos no doudoir de uma cocte de luxo. Esta ela deante de um grande espelho oval, ladeada por duas lampadas electricas de parede, terminando a sua toilette de gala. Os outros moveis que gaurnecem o budoir sao: um pequeno movel, por baixo do espelho citado, com duas ou tres gavetinhas. Sobre ele todos os utensilhos indispensaveis a toilette de uma mulher. Uma banquetta. Um divan ao fundo com uma mesinha ao lado. A campainha da rua toca duas vezes).

Antonietta - (gritando para dentro) Maria!... (a campainha torna a tocar)
Oh! Maria, atende a porta.

Maria - (respondendo de dentro) Sim senhora, patroa, já vou. (novo toque)
(Antonietta continua fazendo a sua toilette. Maria entra trazendo algumas cartas na mao).

Antonietta - Quem era?

Maria - O porteiro que só agora me entregou a correspondencia.

Antonietta - Abre as cartas e lê, Maria. Vamos ver o que ha de novo.

Maria - Uma conta de Madame Gilbert (abrindo-a) Um chapéu 250\$000, um peignoir 300\$000, uma bolsa 180\$000.

Antonietta - Podias bem ter deixado as contas para o fim. Elas tão pouco me interessam...

Maria - Porque não é a senhora quem as paga.

Antonietta - Decerto. Para que servem os amantes senão para pagar as nossas contas?

Maria - Olhe, patroa, ha aqui uma carta interessante.

Antonietta - Lê.

Maria - (Lendo) Minha querida Antonietta. Fazem muitos dias que te não ponho os olhos em cima. Porque não tens ido aos Casinos? Estarás doente? Si soubesses a tortura que é para mim passar uma semana sem te ver (Ri) Porque não consentes que te fale ao menos pelo telefone? Sé boazinha. Pensa que nao é minha a culpa de querer-te tanto.
Sabes o numero do meu telefone, dize-me, ao menos, que não estás doente e ficarei mais apegado. Teu adorador muito sincero
Lourival.

Antonietta - Desde o principio desta carta que eu vi que ela só podia ser deste velho idiota. Socega Lourival.

Maria - Quem é ele patroa?

Antonietta - Um velho idiota que é dono de uma empresa de transportes.

Maria - É rico?

Antonietta - Certamente que é.

Maria - Porque que a senhora não aproveita?

Antonietta - Cruze! Detesto estes velhos ridiculos metidos a Don Juan e que não fazem outra coisa senao nos declararem o seu amor.

Maria - Mas si ele tem dinheiro...

Antonietta - Não ha dinheiro que pague os aborrecimentos que eles

nos causam. Depois eu não preciso de dinheiro. O artur me dá tudo que eu quero. Não poderia chegar a tanto quanto o Lourival, eu sei, mas em compensação é moço e não preciso aturar exquisites nem reumatismos.

Maria - Ha aqui outra carta.

Antonieta - Vejamos.

Maria - (Lendo) Minha senhora. A mulher que lhe escreve neste momento não o faz para suplicar o amor de um homem, embora este amor por direito lhe pertença, pois que lhe foi jurado deante do altar de Jesus, mas para lhe pedir, como mãe de cinco filhos que é, em nome desses mesmos filhos, que a senhora não exija desse homem mais do que ele lhe pode dar, com o sacrificio do bey estar e da educação de seus filhos. Sim, minha senhora, eu não lhe peço que abandone o meu marido, peço-lhe, apenas, que limite as suas despesas de forma a não ultrapassar o valor do seu ordenado. Tinha-mos um pequeno peculio para a educação dos nossos filhos, peculio este que eu o ajudei a formar a custa de quantos sacrificios, meu Deus. As suas contas chegam todos os dias e cada uma maior do que a outra. E este peculio está quasi findo. Lembre-se que si amanhã estas cinco crianças fracassarem na vida por falta da instrução que a escassez de recursos não permitiu que lhes fosse dada, a senhora terá o peza de toda a culpa sobre os seus hombros. Gisela Gomes de Abreu. Rua General Dionisio nº 167 - Botafogo.

Antonieta - (Meio chocada com a leitura da carta, afetando desprezo) Ingracado. Deixa-me ver esta carta. (olhando-a) É da mulher do Artur. Que letra feia, credo! Parece uma colegial. (pausa pesada) Tem mais alguma cousa?

Maria - Tem sim senhora.

Antonieta (nervosa) Então porque que já não leste?

Maria - (Abrindo outro envelope) A casa da modas "A Primavera" convida V. Excia. para assistir o desfile dos ultimos modelos de chapéus chegado recentemente de paris para a estação vindoura e que se realizará na proxima quinta feira, 27, nos seus saloes de exposição a Avenida Rio Branco nº 1437, ás 15 horas.

Antonieta - Quando é, quando é Maria?

Maria - Quinta feira ás 3 horas.

Antonieta - Lembra-me si eu esquecer.

Maria - Ha aqui uma outra carta com um cheque.

Antonieta - (Suspendendo a pintura dos labios que no momento estava fazendo) Um cheque?... De quem é?

Maria - (procurando a assignatura no fianl da carta) É da sua mãe.

Antonieta - (levantando-se num sobresalto) Deixa-me ver. (Tira-lhe a carta) (A medida que vai lendo a sua fisionomia vae se transformando e por fim ela deixa-se cair sentada na banquetta que ha deante do espelho e permanece calada, com o olhar absorto e a carta entre os dedos).

Maria - O que foi, patroa, a sua Mãe está doente?

Antonieta - Não Maria, ela descobriu toda a verdade e recusa o meu auxilio. Devolve-me o cheque. Diz que é um dinheiro maldito e que ela jamais o aceitará. Termina pedindo que não mais lhe escreva porque deseja esquecer que eu existo. (Pausa longa e pesada)

Maria - Não ha mais correspondencia. A patroa quer que lhe traga o seu abrigo de peles?

- Antonieta - Não, Maria. Quero antes que me tragas pena, tinta e papel.
- Maria - Sim senhora. (sae). (Antonieta despe-se de todas as joias, amarra-as num lenço e faz um pacote. Maria volta trazendo a pena a tinta e o papel. Antonieta escreve algumas linhas).
- Antonieta - Maria, alcança-me esse cheque dali.
- Maria - Sim senhora. (Alcança-lhe o cheque). (Antonieta dobra-o e coloca-o no mesmo envelope, junto com a carta que escreveu).
- Antonieta - Procura a carta da mulher do Arthur. (Maria obedece).
- Maria - Está aqui.
- Antonieta - Vê o endereço.
- Maria - (lendo) Rua General Dionísio nº167 - Botafogo.
(Antonieta escreve o endereço que Maria ditou e entrega a carta e o pacote das joias á empregada).
- Antonieta - Faz com que isto chegue hoje mesmo ao endereço desta senhora.
- Maria - Só si eu mesma for levar, mas a senhora vae sair.
- Antonieta - Não Maria, não vou sair mais hoje. Voce mesmo vá fazer entrega deste pacote e desta carta e está dispensada por hoje. Pode ir ao cinema com o seu namorado.
- Maria - (contente) Obrigada, patroa, muito obrigada. (Vae sair)
- Antonieta - Olhe. O seu ordenado deste mez eu não lhe dei ainda, não foi?
- Maria - Não, patroa, mas o mez ainda não terminou, faltam seis dias.
- Antonieta - (procurando dinheiro na bolsa) Mas não faz mal, de toda a forma eu tenho que lhe dar no dia 30, é a mesma coisa. (De-lhe uma nota de 200\$000)
- Maria - Mas eu não tenho troco.
- Antonieta - Não faz mal. Voce o trará amanhã.
- Maria - Está muito bem. Muito obrigadinha, patroa, Boa noite.
- Antonieta - Boa noite. (Maria sae). (Ficando só Antonieta canta o seu arrependimento e depois deixa-se cair pesadamente na banquetta permanecendo alguns instantes imóvel, com os olhos absortos. Ouve-se um violino tocando em surdina a melodia que ela acabou de cantar. De repente o seu olhar revela uma expressão diferente, de alguém que momentaneamente, tomou uma firme resolução. Abre a gaveta do movel que está por debaixo do espelho e tira dela um pequeno revolver. Olha-o desordenadamente depois levanta-se e dá uns passos cambaleantes ate o divan que ha no fundo da scena. Senta-se ao mesmo e lava a alma ao coração. Depois da cortina fechada ouve-se uma detonação. A melodia do violino continua a chorar em surdina enquanto o pequeno nicho, que ha encimando o palco, vae descerrando a sua cortininha mostrando o vaso da Flor da Felicidade sendo que desta vez com a sua primeira flor aberta. Logo a seguir o nicho volta a fechar-se enquanto abre-se a cortina do segundo palco, que é o centro, mostrando-nos o

2º QUADRO

(Através de uma grade de ferro avistamos a cela de uma prisão. Na parede do fundo, bem ao centro, uma pequena porta com um oval gradeado na parte superior. Nas paredes laterais da cela ha dois catres. Em cada um deles está um sentenciado com as suas roupas características de listras

com numero ao peito. Um deles está deitado de barriga para cima enquanto que o outro, sentado á beira do catre contempla tristemente o chão, escutando o coro interno dos sentenciados.

Jorge - Quem estava antes aqui neste lugar que agora ocupo?

2º Preso - Um velho.

Jorge - E ele para onde foi?

2º Preso - Enloqueceu.

Jorge - Coitado!

2º Preso - Bem me parecia que aquele homem não era certo. Não falava nunca. Dei graças a Deus quando o tiraram daqui. ~~Ficou assim: talvez agora me fragar um companheiro com quem ao menos eu possa conversar.~~

Jorge - E ha quanto tempo ele estava aqui?

2º Preso - Não sei. Nunca consegui arrancar uma unica palavra dele. Quando aqui cheguei ele já estava e assim passaram-se mais dois anos!...

Jorge - Dois anos!... Voce já está aqui ha dois anos?

2º Preso - E ainda ficarei mais quatro.

Jorge - Condenaram-lhe a seis anos, então?

2º Preso - (contraindo a fisionomia) Seis anos. (silencio) (Olha para Jorge com uma expressao de revolta no olhar) Gostaria de saber qual foi o meu crime, não verdade? Advinho a pergunta nos seus olhos,.

Jorge - (Constrangido) Oh! não...

2º Preso - Eu lhe contarei. ~~Eu lhe contarei.~~ Ha dois anos que vivo aqui nesta gaiola do inferno, sofrendo as maiores torturas, assistindo a morte lenta da minha personalidade e sentindo a dor cruciante da humilhação e do desespero, porque matel o amante de minha mulher. Porque quiz levar com sangue o ultrage lançado á minha dignidade de homem honrado. (Exalta-se e levanta-se. Jorge senta-se rapido, na cama). Ele pensou, certamente que com o seu dinheiro calcaria o meu amor proprio e a minha honrabilidade. Mas enganou-se. (Fica um momento calado, a pensar. Mudando o tom de voz, e a expressao do olhar). Eu era antes tao feliz! A minha mulher era tao meiga tao carinhosa, tao boa. Um dia elle começou a mandar-lhe presentes. Eu me opuz formalmente a que ella os recebesse, mas a sua vaidade de mulher falou mais alto do que o seu dever de esposa e ella, seduzida pelo desejo de possuir cousas bonitas que eu não lhe podia dar, começou a aceita-las do miseravel as escondidas. Um dia encontrei em cima de um armario uma pequena caixa com joias de alto preço. Veio logo o desejo de vingança. Simulei uma viagem de dois dias e pela madrugada vim surpreendelos. (Exaltando-se) Duas vezes cravei o punhal nas costas daquele infame enquanto a miseravel traidora disparava rua a fora, em gritos alucinados. O resto voce já sabe...

Jorge - Seis anos de prisão!...

2º Preso - Seis anos de prisão!.. Por ter matado um miseravel ladrão da honra alheia, enquanto que estes grandes ~~significam a~~ ~~condemnação total, para o inferno, no tempo, e a prisão pe-~~ ~~culha, ou para os restos de que a obrigação do castigo, arrastar a~~ flor da mocidade de suas patrias e atiram milhares e milhares de jovens, uns contra os outros encharcando com o sangue moço

Guerreiras

A terra que tanto necessita de braços que lhes transformem em estradas os seus caminhos pedregosos em vergéis as suas verdes florestas virgens. (Com amargura) Estes homens, os maiores criminosos, são condecorados exaltados pelo seu valor inexcelsível! (Cala-se. Grande pausa).

Jorge - Console-se meu amigo. A injustiça não atingiu somente a voce. Ha muitos desgraçados que padecem o mesmo mal. Quando eu, ha cinco anos atras, deixei a humilde da minha cidadezinha provinciana, para viver no bulicio ensurdecedor desta capital, jamais pensei que o destino me reservasse horas amargas como as que estou vivendo. Pensava em ser aviador, queria embrenhar-me pelo ceu adentro em busca de sensações desconhecidas. Sonhava com a gloria. (Pausa); Queria ganhar bastante para que a minha mãe e meu avo vivesses uma velhice descansada sem a preocupação do pão de cada dia. Deixei a minha casa humilde com uma lagrima no canto de meus olhos e uma esperança no fundo de meu coração. Carinhara sempre pela mão de meu pobre avô e aos primeiros passos que dei sozinho na vida tropecei e caí. (Pausa)... O meu exame de saúde não me permitiu entrar para a escola de aviação. O meu coração era fraco. Tive que resignar-me e procurar outro modo de vida. Consegui então depois de muito lutar, uma colocação numa casa Bancaria e ao fim de quatro anos havia atingido o lugar de caixa. Foi quando se me apresentou um negocio que me pareceu de grande futuro. Resolvi solicitar de meu chefe, por emprestimo a quantia que necessitava para realiza-lo. Ele negou-a. Fiquei revoltado. Duas ou tres noites pensei nos maços de dinheiro que se achavam paralisados dentro do cofre do qual eu tinha a chave e na possibilidade unica se me apresentava de me tornar socio de uma industria que me abriria as portas da fortuna e da felicidade. Foi quando me surgiu a ideia de lançar mão do dinheiro, e depois, antes de que se houvesse procedido a uma conferencia na caixa. Relutei a principio, mas, a promessa feita a minha mãe de trazer-la para junto de mim e faz-la viver como uma grande senhora, fez-me pôr de parte o escrupulo e lançar mão daquilo que não me pertencia.

2º Preso - E descobriram-no?

Jorge - O meu socio havia prometido arranjar o dinheiro antes da conferencia da caixa mas enganou-me e fugiu.

2º Preso - Fugiu?

Jorge - Sim, fugiu. Embora eu tivesse prometido ao meu chefe pagar-lhe ate ao ultimo tostão que havia tirado com o produto do meu trabalho, ele não me quiz atender e mandou-me prender como ladrão. (Pausa).

2º Preso - E a quantos anos foi condenado?

Jorge - A tres anos.

2º Preso - Tres anos? A pena maxima?

Jorge - Sim, a pena maxima. A lei é inexoravel para os humildes! (Pausa) Dias depois de se ter passado comigo esta grande desgraça, era descoberto um roubo vultuoso numa das principais joalherias da cidade. Desaparecera um brilhante de valor consideravel. A policia entrando em investigações, chegou a conclusão de que as suas peitas recaiam todas num rapaz elegante que na mesma tarde do roubo estivera na joalheria vendendo umas joias. Preso este rapaz confessou ter sido o autor do roubo mas podia restituir a pedra por te-la dado a uma mulher de quem era amante e que desaparecerá no dia seguinte. Por ironia do destino este rapaz a quem me refiro era o filho do milionario Gomes Carneiro, o homem que me mandara prender como ladrão. Pois bem, meu amigo, o valor da pedra foi pago ao joalheiro pelo pai do rapaz e ele esteve preso apenas alguns dias. Continua frequentando a mesma roda elegante

que sempre frequentou e o roubo foi esquecido por que ele não era um ladrão. Era um cleptomano.

2º Preso - Cleptomano?

Jorge - Sim. Voce não sabe o que é a cleptomania?

2º Preso - Não.

Jorge - É uma doença que só dá nos ricos. (com azargura) Os pobres são simplesmente ladroses, meu amigo!...

2º Preso - E até quando sofreremos estas injustiças das leis dos homens?

Jorge - Até quando os homens tiverem aprendido novamente as leis de Deus, que eles esqueceram!

(A cortina vai cerrando lentamente enquanto o nicho vai se abrindo e a planta da felicidade nos mostra a sua segunda flor).

(Quando o nicho vai cerrando a sua cortininha, abre-se o terceiro palco e deparamos com a enfermaria de um hospital. Numa cama de ferro esmaltada de branco com um crucifixo á cabeceira, está deitada uma mulher com os cabelos espalhados pelo travesseiro. Um medico toma-lhe o pulso uma enfermeira está ao pé da cama com uma criança recém-nascida nos braços. Ouve-se o som de um órgão á distancia.)

Medico - Tomou nota do endereço que ela lhe deu?

Enferm. - Sim.

Medico - Então trate de fazer a comunicação.

Enferm. - (apontando a doente significativamente) Já doutor?

Medico - Tem apenas alguns instantes de vida. (Enfermeira abana a cabeça penalizada).

Entregue a criança á superiora e manda aqui o padre capelão, depressa. (A enfermeira sai. O medico segura novamente o pulso da doente. Reune os apetrechos que tem espalhados em cima de uma mesinha, coloca-os dentro de uma valise e sai. O padre entra e aproxima-se da cama enquanto a cortina vai cerrando lentamente. Abre-se o nicho e a planta da Felicidade nos mostra a sua terceira flor. A melodia longinqua do órgão continua chorando em surdina).

Fano.

3º ACTO

Estamos no interior da casa, que se avista em parte no primeiro acto. É uma sala ampla, antiga, com duas grandes janelas, de levantar ao fundo, deixando entrever através dos vidrinhos pequenos um cenário de campo com algumas arvores e um céu azul escuro. São passados seis anos, desde o primeiro actg. À esquerda sentado numa cadeira de rodas e enrolado numa coberta de lã, acha-se um velho cego. No chão perto de seus pés um fogareiro de ferro com braças acesas. Uma criança de quatro ou cinco anos sentada perto da cadeira brinca com um quebra-cabeças. À direita um oratório sobre um consolo de jacarnada ladeado por dois candelabros. Uma mesa antiga, algumas cadeiras de alto espaldar e palhinha e um lampeão de kerozene pendurado ao tecto, completam a scena. A criança brinca, o velho sonha. Pausa.

Lourenço - Dudú meu netinho, chega aqui pertinho do vovô. (A criança levanta-se e chega perto da cadeira).

Dudú - Que é vovô?

Vovo - Que é que estas fazendo? (Procura a cabeça do menino e afaga-a).

Dudú - Estou fazendo uma casa.

Vovo - Vae perguntar a tua vovó que horas são, meu filho.

Dudu - Vovo saiu.

Vovo - É verdade, nem me lembrava mais. Eu estou muito esquecido, meu filinho. Quando chegares à minha idade talvez ficas assim.

Dudu - Quando a gente fica velho a gente se esquece das cousas, Vovo?

Vovo - Nem todas, meu filho, nem todas. Há cousas que eu gostaria muito de esquecer. E estas justamente não esqueço nunca! (Pausa) A Vovó está demorando muito e já devem ser horas de tomar o meu remédio.

Dudu - Já é quasi de noite Vovô.

Vovo - Quasi de noite?

Dudu - É quasi de noite. Eu não gosto quando fica de noite, por que a Vovó me bota na cama. Mas hoje eu quero que seja de noite bem depressa porque a Vovó disse que eu vou ver uma porção de balões subir. O senhor não gosta da noite vovosinho?

Vovo - Já me acostumei com ela, meu filho, há tres anos que vivo dentro da noite.

Dudu - E dos balões, vovo, o senhor gosta?

Vovo - Sim... É bonito ver-los subir para o alto, cheios de luz, espalhando alegria em torno deles, mas... é tao triste depois ver-los voltar, cairem apagados, tristes, desiludidos do seu sonho de querer atingir o céu!

Dudu - Vovosinho e os balões que não caem vão para o céu?

Vovo - Nenhum deles chega ao céu todos caem.

Dudu - Todos vovo?

Vovo - Sim todos. São como os sonhos e as ambições da gente. Uns conseguem subir mais do que os outros mas todos caem por fim. Meu netinho, és ainda muito criança para entenderes a verdadeira significação do que te digo. Mas procura guardar na memoria as minhas palavras e mais tarde quando já puderes pensar melhor, reflete sobre elas. Não procures nunca subir muito alto para que a queda não seja tao forte. (Houvem-se repiques de sinos). Terminou o tríduo.

Dudu - A vovó nao demora.

Vovô - Meu netinho, bota mais umas pedrinhas de carvão neste fogo para que nao se apague.

Dudu - Sim vovo. (Abre uma caixa que está a um canto e bota algumas pedrinhas de carvão no braseiro) Como é que o Sr. sabe que o fogo está se apagando? o Sr. nao enxerga.

Vovo - É que eu sinto pelo calor, Dudu. Também não posso ver a lampada da minha vida e entretanto sinto que ela está quasi extinta. Não tardará a se apagar. (A criança fica a ouvi-lo sem compreender. Entra Pituca com um livro de reza na mão e um chale de rendas pretas sobre os cabelos completamente embranquecidos).

Pituca - O sermão foi tao longo que eu ha

estava aflita pensando na hora do seu remedio, Papae,.

Vovo - Eu já estava extranhando a tua demora, filha.

Pituca - (tirando a manta e deixando-a com o livro sobre a mesa). Eu estava aflitissima, nem podia rezar direito. (Pega um vidro) e uma colher que ha sobre a mesa e derige-se para o tae) Olhe o remedio. (Ele toma-o) Falei com o farmaceutico. Ele me disse que a dor que o Snr. sentiu esta noite deve ser dos rins e que o Snr. tem de repetir aquele remedio... Mas...

Vovo - É muito amargo, filha, muito amargo. Eu já tenho tido tantas amarguras na minha vida!... Não tomo.

Pituca - Prefere a dor, então?

Vovo - Ele pode arranjar outro nemos amargo.

Pituca - E o meu netinho como se portou? (pega-o no colo)

Dudu - Eu bem.

Vovo - Muito bem. Não saiu de perto de mim.

Pituca - Ah! muito bem. Assim é que é bonito, cuidando do vovosinho. Mas onde foi que voce mecheu que está com as maos todas pretas?

Dudu - No carvão.

Pituca - Para que voce mecheu no carvão, Dudú?

Vovo - Fui eu : culpado, minha filha. Pedi-lhe que botasse umas pedras no fogo que estava quasi apagado.

Pituca - Vamos lavar as mãos. (Sae com Dudu). (Entra Pureza com a gaiola do papagaio na mão)

Pureza - que judiaria! Deixaram o meu louro na rua com este frio! Coitadinho! Esta gelado o pobre, quasi morto de frio!... (bota-o perto do fogo).

Vovo - Porque voce não o recolheu antes?

Pureza - Engraçado! Como é que eu ia recolê si eu não tava em casa? (Entra Pituca) (La fora anoiteceu completamente).

Pituca - Pureza, ponha essa gaiola lá dentro e venha acender o lampião.

Pureza - Sim senhora. (sae) . .

Vovo - Parece mentira que deixaram o louro, o coitado, até esta hora na rua com o frio destes!...

Pituca - Descuido da Pureza. Ela bem podia ter posto o bichinho para dentro antes de sair mas está num algariamento com a festa de Sao Joao que não pensa noutra cousa.

Vovo - E as plantas? Ela teria recolhido os vasos para baixo do telheiro do alpendre? Olha que a geada mata as plantas si elas ficarem no pateo.

Pituca - Deixe-me ver. (Vae até a porta e olha para o pateo) Sim recolheu mas... parece que falta um vaso. (Olando para fora como quem procura) Sim, é verdade. (chamando para dentro) Pureza! Oh! Pureza!

Pureza - (de dentro) Já vou. (entrando) O que foi?

Pituca - Recolheste todos os vasos?

- Pureza - Recolhi sim senhora. Qué dize... deixei só aquele pintado de vermelho porque já nem tem mais pranta, é só os toquinho. (acende o lampeão de sal)
- Pituca - Não sei que mania é esta sua, meu tae, em querer conservar aquele vaso. Já tanto tempo que a planta morreu!...
- Vovo - Deixa, minha filha, deixa. É o vaso da flor da felicidade. Quero guarda-lo como simbolo. Nós não guardamos os corpos dos nossos mortos dentro de um tumulo e não o cuidamos com todo o carinho, para todo o resto da nossa vida? Faz de conta que aquele vaso é um tumulo tambem. O tumulo da nossa felicidade!... (Ausa). A flor da felicidade!... Ela entrou na nossa casa exatamente quando a felicidade nos abandonava para sempre. E cada vez que se abriu uma das suas flores, foi para assignalar uma grande desgraça em nossa casa. A flor da felicidade!... bem se poderia chamar para nós a Flor da desgraça!...
- Pituca - papae, as comoções lhe fazem mal. não fale mais nisto. Esqueça.
- Vovo - Esquecer!... Ah! Si eu pudesse esquecer!... Porque, meu Deus, porque que em vez da luz dos meus olhos tu não me tiraste a luz do meu cerebro!
- Pituca - Papae, tenha calma, papae. Deus é bom, Deus é Pae e ele sabe o que faz. Roubou-nos os nossos filhos, é certo, mas em troca, este anjo que é um generoso consolo a todos os nossos sofrimentos. Lembre-se do que seria a nossa vida sem esta creança.
- Vovo - Realmente, filha, tens razão. Deus é bom. Si não fosse Dudu o que seria destes pobres velhos!...
- Pituca - Ele será homem, um dia, e então ha de ser tambem o nosso amparo e o nosso orgulho..
- Vovo - Escuta filha: Eu não chegarei a ve-lo homem. Estou muito velho e a minha jornada está quasi finda. Quando Dudu chegar a ser homem eu não serei mais do que uma saudade na lembrança de vocês. E a responsabilidade do seu futuro pesará inteira sobre os seus ombros, minha filha. Ouve pois o que te digo: não o abandones nunca nem alimentes na sua cabecinha sonhos que jamais se realizarão! Lembra-te que uma flor nascida e creada dentro de uma estufa, terá forçosamente, de fenecer quando transplantada para um jardim onde receba libremete os raios ardentes do sol ou o orvalho gelado das madrugadas de inverno. (ouve-se musica ao longe)
- Pituca - Sim, papae, sobre os meus hombros, somente pesarão as responsabilidades do futuro do meu netinho. Mas eu hei de lutar, enquanto tiver forças para que ela possa vir a ser um homem de verdade. E nunca hei de separar-me dele; estarei a seu lado, sempre!... (A musica aproxima-se).
- Vovo - Vae começar a festa de São João. Vae buscar o Dudu que ele está ansioso para ver os baloes:
- Pituca - (gritando para dentro) Dudu, Dudu, meu querido, olha a festa vae começar vem ver os baloes subirem.
- Dudu - (entra correndo) Vamos depressa, Vovo, vamos...
- Pituca - Não meu filhinho nós não vamos lá. Veremos aqui da janela. Não podemos deixar o Vovo sosinho.
- Vovo - Por mim não. Eu ficarei sosinho, não faz mal.
- Pituca - Não papae, está muito frio lá fora e le podera pegar um resfriado. Ve-se bem daqui da janela. É ali tao pertinho, no Paraizo. (Ouve-se uma canção de São João)